

Parte II — Narrativas sobre populações vulnerabilizadas

11. Cuidado e controle na gestão da velhice em tempos de Covid-19

Patrice Schuch
Ceres Gomes Víctora
Monalisa Dias de Siqueira

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SCHUCH, P., VÍCTORA, C.G., and SIQUEIRA, M.D. Cuidado e controle na gestão da velhice em tempos de Covid-19. In: MATTA, G.C., REGO, S., SOUTO, E.P., and SEGATA, J., eds. *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia* [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021, pp. 149-157. Informação para ação na Covid-19 series. ISBN: 978-65-5708-032-0. <https://doi.org/10.7476/9786557080320.0012>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Cuidado e Controle na Gestão da Velhice em Tempos de Covid-19

Patrice Schuch, Ceres Gomes Víctora e Monalisa Dias de Siqueira

Em relação à ameaça do novo coronavírus, os idosos foram classificados como grupo de risco preferencial da pandemia. A associação entre maior idade cronológica e risco é um dos efeitos da ênfase biomédica característica das políticas de saúde global, as quais têm privilegiado a noção de um corpo orgânico sujeito ao risco de infecção por um vírus, em detrimento de uma abordagem que endossamos, na qual a ameaça da pandemia é vista como coproduzida na relação entre corpos, vírus, vínculos relacionais, políticas de saúde e infraestruturas urbanas (Das, 2020; Segata, 2020).

Em um país desigual como o Brasil, em que as políticas de gerenciamento da pandemia têm enfatizado ações de proteção à economia e o incentivo moral ao isolamento social, a conformação da noção de grupo de risco suscita discursividades públicas e exclusivos programas de restrição da circulação para o grupo de idosos em que o *cuidado* com essa população se mimetiza em *controle* e regulação das condutas. Tais modos de regulação das condutas produzem sensibilidades que acentuam a produção política da velhice como associada a falta de autonomia, incapacidade e dependência, contrapondo-se a vertentes contemporâneas que privilegiam os esforços de autoprodução de um envelhecimento ativo, autônomo e independente.

Contrariando histórias únicas e modos generalizantes de construção do sujeito idoso, estamos empreendendo uma pesquisa antropológica com pessoas consideradas idosas (acima de 60 anos) para compreender os impactos da pandemia do Covid-19 nas suas vidas cotidianas, em seus vínculos relacionais e em seus modos de entender

a pandemia.¹ Trata-se de investir na ampliação da visibilidade de experiências, formas e perspectivas de vida das pessoas consideradas idosas a partir de seus vínculos relacionais e infraestruturas de cuidado, e ao mesmo tempo de propor uma perspectiva sobre a compreensão da pandemia baseada nas práticas e ações miúdas e cotidianas que suscita (Biehl & Petryna, 2013; Das, 2020; Fleischer & Lima, 2020).

ENTRE IDOSOS E VELHOS: ESTILOS DE REGULAÇÃO MORAL NA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

Nos discursos públicos sobre a relação entre os idosos e a pandemia do novo coronavírus, prolifera uma variedade de memes nos quais a capacidade de escolha, disposição fundamental relacionada ao valor da autonomia, é posta em xeque, incitando não apenas discursos concernentes à infantilização dos idosos e a reiteração de sua “teimosia”, como também modos de disciplinamento tradicionalmente associados às crianças ou mesmo ao aprisionamento de animais. Essa política de constrangimento moral para forçar o isolamento social desse grupo se coaduna com outras políticas de regulação da conduta via decretos e orientações municipais, voltados exclusivamente para a população de idosos. Alguns exemplos são a proibição da permanência em praças públicas sob pena de multa, a restrição de horários para realização de compras em supermercados e o impedimento do uso de cartão de gratuidade no transporte público (Dourado, 2020). Os memes jocosos, assim como os programas restritivos da circulação, atestam uma focalização importante nesse grupo etário, manifestando os efeitos da constituição da noção de grupo de risco associada à maior idade cronológica. A produção do estereótipo de um velho teimoso, sem capacidade de discernimento dos riscos e que pode e deve ser corrigido por mecanismos disciplinares aprisionadores conta uma história única sobre velhice, associada a incapacidade e dependência.

No contexto da pandemia, pesquisadores têm salientado o quanto a noção de grupo de risco tem reforçado tais estigmas associados ao envelhecimento (Henning, 2020; Debert & Félix, 2020; Beltrão, 2020; Pait, 2020; Dourado, 2020), ecoando o que tem sido chamado de ageísmo, idadismo, etarismo, idosismo, gerontofobia ou

¹ Pesquisa resultante do Projeto A Covid-19 no Brasil: análise e resposta aos impactos sociais da pandemia entre profissionais de saúde e população em isolamento (Convênio Ref.: 0464/20 Finep/UFGRS). A pesquisa é desenvolvida pela Rede Covid-19 Humanidades MCTI e integra o conjunto de ações da Rede Vírus MCTI financiadas pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações para o enfrentamento da pandemia. A pesquisa com idosos é desenvolvida por uma equipe mais ampla de pesquisadoras e pesquisadores, a quem agradecemos pela colaboração: Caroline Sarmiento, Cauê Machado, Fernanda Rifotis, Lauren Rodrigues, Mariana Picolotto, Pamela Ribeiro, Roberta Ballejo e Taciane Jeske. A participação de Ceres Víctora no projeto recebeu apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Código de Financiamento 001.

velhofobia – termos que visam a designar a discriminação contra pessoas idosas (Goldenberg, 2020; Henning, 2020). Além de evidenciar tal dinâmica, argumentamos que essas discursividades colocam em cena uma ruptura com tendências mais gerais em torno do envelhecimento ativo. Confrontados com sensibilidades, representações e discursividades dicotômicas – que poderíamos chamar de *estilos de regulação moral*, os quais, tomados como conjuntos singulares de técnicas de produção de sujeitos (Carrara, 2013), opõem autonomia e dependência –, os idosos se deparam com noções de velhice e modos de produção do sujeito que acentuam ou sua completa dependência ou a sua completa autonomia.

Nesse processo, o que se torna invisível e inaudível são os vínculos relacionais e os modos de organização da vida postos em prática diariamente por pessoas idosas para lidar com a pandemia, e como esta acontece na vida de homens e mulheres que continuam a administrar relações familiares, de trabalho, de sociabilidade e tantas outras. Além disso, a realização de atividades cotidianas com algum apoio ou relação de cuidado – muitas vezes necessárias para pessoas idosas – é tomada como razão de desconsideração de suas capacidades e de sua agência no mundo. Isso mostra como a noção de sujeito moderno que privilegia o indivíduo como sujeito da razão, da história e da moral (Duarte, 1983) evoca a independência como normatividade (Kittay, 1999) e produz efeitos de invisibilidade das relações de interdependência que nos marcam a todos como pessoas humanas.

Inspiradas na literatura sobre cuidado (Fisher & Tronto, 1990; Kittay, 1999; Mol, 2008; Tronto, 2015) e na relação com as narrativas dos idosos sobre as suas práticas de organização da vida em tempos de pandemia, consideramos importante complexificar a relação entre autonomia e dependência. Argumentamos sobre a relevância de se levar em conta os vínculos relacionais presentes nas variadas formas de estar no mundo, mostrando sua eficácia na formulação de práticas de gestão dos riscos trazidas à tona pelas experiências das pessoas consideradas.

AS POLÍTICAS DE CUIDADO EM CASA

Desde julho de 2020 estamos realizando uma pesquisa antropológica sobre os impactos do isolamento social promovido pela pandemia da Covid-19 em pessoas idosas no sul do Brasil. A pesquisa é de caráter qualitativo e longitudinal e compreende a utilização de entrevistas feitas com base em um roteiro semiestruturado de questões. Apostando no potencial da pesquisa que privilegie as pessoas no campo da saúde global (Biehl & Petryna, 2013), buscamos trazer à tona as narrativas dos próprios idosos sobre o impacto da pandemia do Covid-19 em suas vidas e em seu cotidiano. Com

essa intenção, como estratégia narrativa dirigiremos nossa atenção para as práticas de organização da vida de Marilene, mulher branca de 60 anos, de classe média e residente no sul do país. O privilégio da atenção à narrativa de Marilene não se dá porque ela seja *representativa* das demais narrativas das pessoas investigadas, mas sim porque, a nosso ver, ela nos permite realizar e iluminar elaborações valiosas em torno da potencialidade política do cuidado.²

Marilene é moradora da cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, tem 60 anos e trabalha como professora há 37 anos; aposentada, continua trabalhando em regime de 20 horas semanais porque, como afirma, ama a escola, onde leciona no ensino fundamental. Mora com seu esposo, militar, hoje aposentado. Sua rotina, bastante agitada antes da pandemia, além do trabalho na escola, incluía a limpeza da casa, o preparo das refeições, exercitar-se na academia, visitar a mãe de 83 anos em seu apartamento duas vezes por dia e outras atividades sociais e de lazer. Essa rotina modificou-se com a pandemia, com diminuição significativa das atividades de socialização realizadas fora do âmbito doméstico.

As restrições de mobilidade provocadas pela pandemia trouxeram várias mudanças, como, por exemplo, a suspensão dos passeios, dos jantares com amigos e das viagens que gostam de fazer anualmente ao Nordeste. Nos primeiros meses, só iam uma vez por semana ao mercado – pediam todo o resto por tele-entrega –, mas aos poucos voltaram a fazer suas próprias compras, tudo com muito cuidado. Em contraposição à redução das rotinas fora do âmbito doméstico, houve um aumento significativo dos laços de interdependência familiares que tomaram vida em sua própria casa. É neste sentido que o espaço doméstico se tornou uma infraestrutura fundamental de cuidado, nos termos propostos por Berenice Fischer e Joan Tronto, que oferecem uma definição que se tornou clássica: “Cuidado é uma espécie de atividade que inclui tudo o que fazemos para manter, continuar e reparar o nosso mundo de forma que possamos viver nele da melhor maneira possível” (Fisher & Tronto, 1990: 6, tradução nossa).

Com a emergência sanitária da pandemia do novo coronavírus, a casa de Marilene foi constituída como o suporte preferencial de um emaranhado de relações complexas de cuidado entre ela, o marido, a sua mãe, o filho e suas ratas. O filho do casal, de 28 anos, fazia doutorado em outra cidade e tinha ido passar uns dias na casa dos pais após a defesa da tese, bem quando a universidade suspendeu as atividades por causa da pandemia e fechou, com tudo dentro, inclusive o laboratório que abrigava seus

² A entrevista com Marilene (nome fictício) que serviu de base para este texto foi realizada pela pesquisadora Taciane Jeske. O relato aqui apresentado, embora não literal e resumido, manteve grande número de expressões utilizadas pela entrevistada, a fim de aproximar o leitor de sua forma de narrar a sua história.

experimentos, fazendo com que seus planos de um pós-doutorado fossem adiados. Dessa forma, a ideia de uma estadia na casa dos pais transformou-se em uma mudança mais permanente. Só que, dessa vez, o filho ficou no quarto de hóspedes, pois sua avó materna, de 83 anos, também passou uns tempos na casa de Marilene, por causa da pandemia, ocupando o quarto dele.

A presença da mãe e do filho – que trouxe consigo seus móveis, utensílios e a grande gaiola malcheirosa com as ratas do laboratório que fechou – transformou as dinâmicas da casa, em especial as rotinas de Marilene. Ela intensificou alguns cuidados que nunca haviam lhe ocorrido antes, como lavar os potes de iogurte e, um por um, os ovos que vêm na caixinha do supermercado; usar máscara, lavar, passar e colocar em saquinhos separados as máscaras de cada membro da família e deixar os sapatos na porta de casa. Ademais, viu aumentada a demanda de atenção por parte dos alunos – para quem envia diariamente as tarefas escolares por e-mail – e por parte de seus pais, que ligam às vezes tarde da noite para elucidar dúvidas. E precisa participar de *lives* e eventos para atualização de suas atividades profissionais. Além disso, deve preparar separadamente as refeições do filho, que não come carne vermelha, apenas frango, peixe e proteína de soja, e o alimento especial para as ratas, que só comem ovos e algumas verduras.

Mesmo que sua narrativa evidencie o quanto ela performa relações de cuidado em seu espaço doméstico e que estas são, portanto, assimétricas e generificadas, Marilene diz que está tudo bem. Em sua narrativa, nota-se o quanto as relações de cuidado são controversas, mas se percebe também que estas envolvem sujeitos em emaranhados de relações e capacidades. Marilene alterou rotinas e hábitos em sua casa devido ao costume do filho de almoçar por volta das 3-4 da tarde, estudar e escrever durante a noite e dormir somente quando, pela manhã, os pais já estão se preparando para levantar. Entretanto, salienta que a presença do filho lhe possibilitou aprender com ele o manejo do computador nas reuniões virtuais, dos aplicativos de apresentação de trabalhos e a participação em *lives*.

A convivência entre as três gerações na mesma casa – e ainda mais com as ratas do filho – durou quatro meses e meio, até que sua mãe não aguentou mais. Com o prolongamento da estadia, Marilene percebeu que a mãe estava entrando em depressão, e isso a motivou a optar por voltar para o seu próprio apartamento. Essa escolha só foi possível mediante a criação de novas estratégias de cuidado, pois a mãe não poderia ficar sozinha lá. Como aponta Mol (2008), a lógica da escolha racional e liberal baseia-se em pressupostos de liberdade; a escolha é sempre percebida como individual, apagando todas as redes de relações e as situações concretas em que tais decisões são tomadas. Tal lógica parte do pressuposto de que a soma dos indivíduos forma os coletivos sociais e, portanto, para garantir o bem de todos, cada indivíduo deve melhorar a sua vida.

Diferentemente, a lógica do cuidado se volta para a interdependência e as práticas em que estamos engajados; coloca o foco nos sujeitos em relações com outros sujeitos, com estruturas, com ambientes, que se movimentam no fluxo da vida. É uma lógica que assume a fragilidade da vida e o fato de que é preciso atentar não para o que se quer, mas para o que precisa ser feito (Mol, 2008). O cuidado tem uma orientação prática de melhorar a vida; mas não diz respeito a “compaixão e bondade”, e sim a política (Tronto, 2015: 1). Isso porque diferentes perspectivas e projetos, seja no nível micro ou no macro, desenvolvem, sustentam e priorizam diferentes tipos de relação, conformam dinâmicas de poder e diferentes tipos de existência.

No caso das relações de cuidado performadas por Marilene e sua família, fica evidente que a configuração de vínculos de apoio que atravessam as relações entre o marido, o filho e a mãe, mas também abarcam relações com os vizinhos da mãe e a trabalhadora doméstica que acabou sendo contratada para cuidar da mãe, são desiguais e assimétricas em termos de gênero, idade e classe. Assim como atestado em outros cenários (Hirata, 2014), observamos como os modos de cuidado são generificados: recai sobre Marilene grande parte das novas rotinas de limpeza e desinfecção de materiais e também de alimentação para suporte das relações de cuidado estabelecidas em sua casa, bem como sobre a trabalhadora doméstica contratada para apoiar a mãe de Marilene. Analisando a narrativa de Marilene, contudo, podemos dizer que não apenas os modos de cuidado são assimétricos, mas também a própria direção dos vetores do cuidado, sendo o critério etário importante neste caso. Nota-se maior preocupação da família com a mãe de Marilene, por ser idosa, em idade senil: “esquece a panela ligada, o gás ligado...”. São essas pequenas materializações de “descuidos” cotidianos que fazem com que se intensifiquem as preocupações com a mãe.

De fato, dois dias depois de sua mãe ter voltado para o seu apartamento, Marilene contou que os vizinhos do prédio reclamaram com a filha e foi necessário contratar uma trabalhadora doméstica para cuidar da mãe e do apartamento. Pode-se perceber a complexidade da situação em que a nova condição da mãe de Marilene, de necessitar de apoio para realização das atividades domésticas, foi negociada entre ela, sua família e seus vizinhos, em um cenário de pandemia em que aumenta o controle público sobre o comportamento e as práticas das pessoas consideradas idosas. Essa decisão não foi tomada sem uma avaliação dos riscos da ampliação das relações de convivência da mãe, em um cenário de pandemia, mas também dos benefícios, levando-se em conta o início de um quadro de depressão. E foi possibilitada por relações desiguais de classe que permitiram que a família contratasse uma trabalhadora doméstica (Hirata, 2014), a qual estava disponível para o trabalho fora de casa (ao contrário de Marilene e de toda a sua família, portanto), mesmo com as orientações de isolamento social. Passados cerca de

dois meses da mudança, a empregada foi trabalhar na casa da mãe de Marilene de máscara porque estava tossindo bastante, e logo depois se comprovou que tanto a trabalhadora doméstica como seus pais e filhos haviam sido infectados pelo novo coronavírus. Nem a mãe de Marilene, nem qualquer dos membros de sua família – marido ou filho – se infectou com o coronavírus.

Ainda assim, com a possibilidade de infecção tão próxima, Marilene assinala que parece que a mãe – que reforça ser “idosa” – não entende os riscos da pandemia. Eles explicam e explicam. Mas, talvez porque esteja em idade senil, parece não entender que a pandemia é tão grave. O filho de Marilene diz que, se fosse uma manada de elefante se aproximando, a vó enxergaria, veria que é perigoso. Mas um vírus, algo que não enxerga, ela não entende. Algumas vezes, no início da pandemia, a mãe de Marilene esquecia de colocar a máscara, mas agora isso não acontece mais, diz ela. Em todo o caso, Marilene destaca que, mesmo com a máscara, sua mãe tem medo de sair de casa. Mesmo quando Marilene a convida para ir ao mercado, diz que ficará dentro do carro e só irá para dar uma volta; quando Marilene lhe propõe uma passeada só dentro do carro, de vidro aberto, ela não quer. Só quer ficar em casa. Não sai nem para descer o lixo, que é levado para fora pela trabalhadora doméstica ou por algum deles quando vai lá. É que eles a advertem e a assustam, e para descer até a lixeira ela tem que passar por quatro portas, a do apartamento, a do elevador, a lá de baixo e depois a outra. E tem também a volta. Marilene diz que assustam a mãe: “Olha, mãe, o álcool”. Que eles sabem que ela esquece de passar o álcool e tal. Então ela não desce mais.

A POTENCIALIDADE POLÍTICA DO CUIDADO

Na narrativa de Marilene, duas importantes dinâmicas sobre as formas de organização da vida em meio à pandemia do novo coronavírus nos chamam a atenção: 1) os impactos significativos no desenvolvimento de suas atividades de trabalho e de seus vínculos de sociabilidade, tendo como contrapartida o estreitamento das relações familiares de interdependência; 2) a complexidade das relações de cuidado, com processos de interdependência familiar e relações de vizinhança que são formas de suporte com base nas quais os sujeitos desenvolvem e negociam as suas capacidades para continuar, reparar e viver o mundo da melhor forma possível. Mesmo que impliquem modos e vetores de cuidado instáveis e assimétricos – e aqui enfocamos as dimensões de gênero, idade e classe que atravessaram as relações entre Marilene, seu marido, seu filho, sua mãe, os vizinhos da mãe e a trabalhadora doméstica –, tais relacionamentos dificilmente poderiam ser compreendidos mediante polaridades fixas entre sujeitos “dependentes” e sujeitos “autônomos”.

As noções contrapostas de dependência e autonomia balizam os *estilos de regulação moral* trazidos à cena na pandemia do novo coronavírus no país, os quais trabalham com a produção política da velhice como associada a falta de autonomia, a incapacidade e a dependência – que tem a ver com a criação da noção de grupo de risco e seu foco nas dimensões biológicas da categoria “idoso”. Por outro lado, tais noções são evocadas nas vertentes contemporâneas em torno do “envelhecimento ativo”, que privilegiam os esforços de autoprodução de um envelhecimento atuante, autônomo e independente. As estratégias e modos de organização da vida de Marilene em tempos pandêmicos revelam o quanto é simplista a dicotomia entre autonomia e dependência quando se trata de cuidado (Aydos & Fietz, 2017; Fietz, 2017; Fonseca & Fietz, 2018) e quão importante é compreender os sujeitos produzidos na variedade de seus vínculos e relacionamentos sociais.

A atenção às narrativas das pessoas sobre suas dinâmicas de vida conduz a uma perspectiva sobre cuidado baseada no que realmente importa para elas, além de ressaltar a própria potencialidade política do cuidado. Com isso, queremos chamar a atenção para a eficácia das relações que – tanto no âmbito doméstico, no espaço privado, como quando deslocadas desse âmbito que lhes é convencionalmente atribuído (Das & Adlakha, 2001) – podem se revelar potentes estratégias que as pessoas desenvolvem para lidar de forma prática com os desafios públicos colocados pela pandemia do novo coronavírus. O envelhecimento e a gestão dos perigos associados à infecção pelo Covid-19 se tornam, assim, compreendidos prioritariamente nas e a partir das relações entre os sujeitos, seus vínculos relacionais e as infraestruturas políticas de cuidado, mais do que por seu caráter exclusivamente normativo associado à idade cronológica.

REFERÊNCIAS

- AYDOS, V. & FIETZ, H. When Citizenship demands care: the inclusion of people with autism in the Brazilian labour Market. *Disability Studies Quarterly*, 36: 1, 2017.
- BELTRÃO, J. F. Autonomia não se confunde com teimosia! Discriminação por idade em tempos de Covid-19. *Boletim Cientistas Sociais e o Coronavírus*, 26, 2020.
- BIEHL, J. & PETRYNA, A. Critical global health. In: BIEHL, J. & PETRYNA, A. (Eds.). *When People Come First: critical studies in global health*. Princeton: Princeton University Press, 2013.
- CARRARA, S. Discriminação, políticas e direitos sexuais no Brasil. In: MONTEIRO, S. & VILLELA, W. (Orgs.). *Estigma e Saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013.
- DAS, V. Facing Covid-19: “my land of neither hope nor despair”. *American Ethnological Society*, May 2020.
- DAS, V. & ADDLAKLA, R. Disability and domestic citizenship: voice, gender, and the making of the subject. *Public Culture*, 13(3): 511-531, 2001.

- DEBERT, G. A Invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 12(34): 39-54, 1997.
- DEBERT, G. G. & FÉLIX, J. Dilema ético, os idosos e a metáfora da guerra. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 19 abr. 2020.
- DOURADO, S. P. C. A pandemia de Covid-19 e a conversão de idosos em “grupo de risco”. *Cadernos de Campo (São Paulo, online)*, 29, supl.: 153-162, 2020.
- DUARTE, L. F. D. Três ensaios sobre pessoa e modernidade. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro (datilografado), 1983.
- FIETZ, H. M. Deficiência, cuidado e dependência: reflexões sobre redes de cuidado em uma família em contexto de pobreza urbana. *Teoria e Cultura*, 11: 101-113, 2017.
- FISHER, B. & TRONTO, J. Toward a feminist theory of caring. In: ABEL, E. K. & NELSON, M. K. (Eds.). *Circles of Care: work and identity in women's lives*. Albany: Suny Press, 35-62, 1990.
- FLEISCHER, S. & LIMA, F. (Orgs.). *Micro: contribuições da antropologia*. Brasília: Athalaia, 2020.
- FONSECA, C. & FIETZ, H. Collectives of care in the relations surrounding people with “head troubles”: Family, community and gender in a working-class neighbourhood of Southern Brazil. *Sociologia & Antropologia*, 8(1): 223-243, 2018.
- GOLDENBERG, M. Velhofobia. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, de 9 abr. 2020. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/colunas/miriangoldenberg/2020/04/velhofobia.shtml>. Acesso em: 30 out. 2020.
- HENNING, C. E. Nem no mesmo barco nem nos mesmos mares: gerontocídios, práticas necropolíticas de governo e discurso sobre velhices na pandemia da Covid-19. *Cadernos de Campo*, 20(1): 150-155, 2020.
- HIRATA, H. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social*, 26(1): 61-73, 2014.
- KITTAY, E. F. *Love's Labor: essays on women, equality and dependency*. New York: Routledge, 1999.
- MOL, A. *The Logic of Care: health and the problem of patient choice*. New York: Routhledge, 2008.
- PAIT, H. A vida dos “velhinhos”, as conexões sociais e as lideranças institucionais. *Boletim Cientistas Sociais e o Coronavírus*, n. 26, 2020.
- SEGATA, J. Covid-19: escalas da pandemia e as escalas da antropologia. *Boletim Cientistas Sociais e o Coronavírus*, n. 2. 2020.
- TRONTO, J. C. *Who Cares? How to reshape a democratic politics*. Ithaca, London: Cornell University Press, 2015.